

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ-  
UNIFESSPA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
LICENCIATURA PLENA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LPEC**

**TÂNIA REGINA DOS SANTOS LOPES**

**PELAS ONDAS DA RÁDIO COMUNITÁRIA RURAL DE VILA SANTA  
FÉ: ENTRELAÇANDO SABERES COM A E.M.E.F PROFª MARIA DAS  
NEVES E SILVA**



**Marabá**

**2016**

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ-  
UNIFESSPA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
LICENCIATURA PLENA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LPEC**

**TÂNIA REGINA DOS SANTOS LOPES**

**PELAS ONDAS DA RÁDIO COMUNITÁRIA RURAL DE VILA SANTA  
FÉ: ENTRELAÇANDO SABERES COM A E.M.E.F PROF<sup>a</sup> MARIA DAS  
NEVES E SILVA**

**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

TCC apresentado à Banca Examinadora como exigência parcial para o curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo. Ênfase/Habilitação em Letras e Linguagens/ Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará sob orientação do Prof. Dr. Hiran de Moura Possas.

Marabá

2016

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**Biblioteca Josineide da Silva Tavares da UNIFESSPA. Marabá,PA**

---

Lopes, Tânia Regina dos Santos

Pelas ondas da Rádio Comunitária Rural de Vila Santa Fé: entrelaçando saberes com a E.M.E.F. Profª Maria das Neves e Silva / Tânia Regina dos Santos Lopes ; orientador, Hiran de Moura Possas. — 2016.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Educação do Campo, Curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo, Marabá, 2016.

1. Ensino - Metodologia – Marabá (PA). 2. Prática de ensino. 3. Rádio comunitária. 4. Rádio na educação. 5. Aprendizagem experimental. I. Possas, Hiran de Moura, orient. II. Título.

CDD: 22. ed.: 371.3098115

---

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Hiran de Moura Possas

---

Prof Dr. Lucivaldo Silva da Costa

---

Prof. Dr. Jerônimo da Silva e Silva

## **Agradecimentos**

Embasado no Deus que me concedeu forças, confiança e fé no decorrer do curso, não poderia deixar de agradecer a todos que contribuíram neste ENTRELACE, seja com a voz do corpo ou a voz da alma.

Em especial meu esposo RUBENS WARLE e nossa filha Thâmata Lavínnia, que se mostraram responsáveis e capazes de suportar minha ausência.

À minha família que contribuiu direta e indiretamente durante todo este processo. Uma das vozes marcantes do rádio, o locutor/proprietário da rádio comunitária Rural FM de Vila Santa Fé, *DJ Carlos* e ouvintes de Vila Santa Fé e região.

Aos alunos das turmas de 8º e 9º ano de 2014.

Aos funcionários da Escola Profª Maria das Neves e Silva, em especial à Profª Elda Bentes de Souza, ao diretor Aldemir Costa Coelho, às ex-funcionárias e professoras de Língua Portuguesa Nilva Souza da Silva, Tahita Araújo e Gilvônia Lima Ramos.

Ao querido orientador Hiran de Moura Possas, que tem contribuído para os aprendizados desta pesquisa.

Aos professores doutores que compõem a banca examinadora, Prof. Dr. Lucivaldo Silva da Costa ao Prof.Dr. Jerônimo da Silva e Silva e ao querido profº Dr. Hiran de Moura Possas que foi meu elo entre o desenvolvimento da pesquisa e a universidade.

*Recebemos tanto de pessoas e comunidades, que não sentiremos  
nosso trabalho concluído, enquanto não entregarmos seus  
resultados àqueles que foram responsáveis por viabilizá-lo...*

*Alessandro Portelli*

**RESUMO:** O Entrelace visa levar à escola Maria das Neves e Silva à comunidade de Vila Santa Fé e região as ondas da rádio Comunitária Rural FM de Vila Santa Fé, considerando a importância da Rádio como instrumento pedagógico, através da execução do projeto de Intervenção, (durante o V tempo comunidade) que incentiva a leitura, a escrita e a valorização da oralidade dos alunos de 8º e 9º ano, partindo das problemáticas observadas durante os estágios promovidos pelo curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo, dentre quais, como a escola Maria das Neves e Silva pode manter uma relação dialógica e pedagógica com a Rádio Comunitária Rural de Vila Santa Fé ou até mesmo com os saberes em volta da Escola? Como objetivos, a pesquisa pretende, migrar textos literários para a programação da rádio comunitária rural, promover encontros de saberes da escola com os saberes da vida, utilizando como vias de acesso metodológico, a realização de entrevistas com os sujeitos do processo, leitura e transcrição de gravações realizadas com os sujeitos da pesquisa. Como resultados, ainda acredito em uma Escola pelos contornos freirianos, onde você está sempre procurando desenvolver diferentes metodologias, com novos olhares, uma educação que busca sanar as dificuldades encontradas nas salas de aula, numa relação dialógica onde temos que estar sempre criando e recriando, de ter fê na vocação de “ser mais”, o que não é privilégio de alguns, mas direito dos homens, um novo desafio, assim como tem sido, pois todos nós temos que superar primeiramente nossas limitações, quebrar paradigmas e acatar ideias.

**Palavras-Chave:** Vila Santa Fé; Escola Professora Maria das Neves; Rádio Comunitária; Entrelace.

## Sumário

### IDEALIZANDO UM ENTRELACE

#### 1. ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIAS: VILA, ESCOLA E O HOMEM

1.1	Santa Fé: da Castanha ao Leite.....	13
1.2	Do Pau a Pique, Chão Batido ao Prédio de Concreto.....	18
1.3	<i>DJ</i> , Comunicador e Aprendiz.....	24

#### 2. RELIGANDO SABERES

2.1	Saberes do Campo.....	27
2.2	Rádio e Escola: Relato de um Entrelace.....	28

#### 3. UMA REFLEXÃO PARA O ENTRELACE

3.1	Com a voz o <i>DJ</i> .....	36
3.2	Com a voz a Escola.....	37
3.2.1	Vozes dos Alunos.....	39
3.2.2	Vozes Docentes.....	41
3.3	Vozes Comunidade.....	42

<b>ENTRELACE? ATÉ QUE PONTO?</b> .....	46
--	----

<b>REFERÊNCIAS</b> .....	49
--------------------------	----



## Lista de Figuras

Figura 1: Atoleiros na estrada do Rio Preto na década de 80.....	15
Figura 2: Formas de transporte utilizada nos anos 80.....	16
Figura 3: Demonstrativo dos Assentamentos na Região de Vila Santa Fé.....	17
Figura 4: Cartografia da Comunidade.....	18
Figura 5: Primeira escola.....	19
Figura 6: Migração.....	20
Figura 7: Alguns dos fundadores da escola.....	21
Figura 8: Pátio da escola na Avenida Principal em 1986.....	22
Figura 9: Organização dos grupos de trabalho do Programa PDE Interativo.....	22
Figura 10: Projetos do primeiro semestre.....	24
Figura 11: Culminância do projeto Amigos da Natureza e Amantes da Vida.....	24
Figura 12: Almejando Parcerias.....	25
Figura 13: Personagens de uma história.....	30
Figura 14: Buscando entender.....	31
Figura 15: Entrevistando o <i>DJ</i> .....	32
Figura 16: A voz no rádio.....	33
Figura 17: Cronograma.....	34
Figura 18: O rádio na escola.....	34
Figura 19: Digitação das informações.....	36
Figura 20: Culminando o projeto.....	36
Figura 21: Escrita de alunos.....	40
Figura 22: A rádio na escola.....	44



## **IDEALIZANDO UM ENTRELACE**

Alguns problemas experimentados pelos alunos da Escola Maria das Neves e Silva<sup>1</sup>, no que se refere à leitura e à escrita, mas principalmente, aos posicionamentos dos mesmos diante de diversas situações linguísticas do dia a dia, inclusive da sala de aula, levaram a pensar uma forma de incentivá-los, ainda mais, a ler e escrever em interação com o outro: “a língua, em sua totalidade concreta, viva em seu uso real tem a propriedade de ser dialógica” (ABDALA JUNIOR, 2004, p.37).

Dentre os problemas observados durante os estágios promovidos pelo curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo, podemos citar: não uso da sala de leitura por parte dos alunos, de professores; momentos de diálogos entre professores e alunos; a ausência de projetos de incentivo à leitura, dentre outros.

Diante disso, no V Tempo Comunidade<sup>2</sup> elaboramos uma proposta de intervenção que pudesse atender às necessidades dos alunos no sentido de expor suas ideias, opiniões e sugestões, através da leitura e da escrita, tanto dentro quanto fora dos muros da escola. Escolhemos a Rádio Comunitária Rural FM de Vila Santa Fé para desenvolvermos o trabalho pedagógico, fazendo uso das ondas do rádio, um veículo de fácil acesso utilizado pela grande maioria das pessoas, e meio de comunicação que consegue estar presente em todos os lugares, de preço acessível a todos, de caráter democrático, de fácil usabilidade.

Por saber que 50% dos alunos da escola advém dos PA vizinhos e até mesmo para os que moram dentro da vila, o uso do rádio serve como um meio, para que as fronteiras existentes entre estas instituições escola x família x comunidade diminuam, fazendo com que os mesmos se tornem cientes das ações e atividades desenvolvidas na escola. Por isso, a rádio seria ferramenta importante também no processo ensino aprendizagem.

Convidei, para entrelaçar os saberes encontrados nos espaços do Laboratório de Informática, a professora Elda Bentes de Souza; para entrelaçar os saberes em sala de aula da disciplina de Língua Portuguesa, convidei a Prof. Nilva da Silva e, como já citado, convidei a Rádio Comunitária Rural FM. Buscava-se proporcionar aos alunos algo, de certo modo, novo e diferente, um fazer buscando a prática da Interdisciplinaridade e de outras metodologias.

A interdisciplinaridade leva o aluno a ser protagonista da própria história, personalizando-o e humanizando-o, numa relação de interdependência com a sociedade, dando-lhe, sobretudo, a capacidade crítica no confronto da cultura

---

<sup>1</sup> Localizada à rua São Paulo s/nº em Vila Santa Fé (estrada do Rio Preto), Município de Marabá-PA

<sup>2</sup>De acordo com o Projeto Político Pedagógico do Curso (PPC) de Licenciatura Plena em Educação do Campo, a alternância dos tempos-espacos Universidade e Localidade correspondem a um movimento cíclico de pesquisa-ação-reflexão, a partir de um processo de diálogo de saberes, nos diferentes espaços sociais presentes nas comunidades.

dominante e por que não dizer opressora, por meio de escolhas precisas e responsáveis para a sua libertação e para a transformação da realidade (YARED, 2008, p. 163)

E ainda.

Tudo isto supõe grande liberdade e grande abertura: nada e ninguém podem permanecer excluídos da relação aberta e dinâmica. Relação entre disciplinas, entre ciência e arte..., relação que não privilegia somente algumas, mas que acolhem em cada uma as estruturas e os nexos que gradualmente elevam - se à unidade (YARED, 2008, p.165).

O rádio vem sendo utilizado como um dos métodos de trabalho para o incentivo da leitura na escola, levando o aluno a desenvolver uma reflexão sobre a linguagem dialogante com a vida. Para Zumthor (2000, p.10): “de fato a voz humana constitui em toda uma cultura um fenômeno central”.

Essa pesquisa pretende fortalecer a ida dessa rádio da comunidade para dentro da escola e vice-versa, tendo o senhor Antonio Carlos Teixeira da Silva, como parceiro. Locutor mais conhecido como *DJ* Carlos:

Há muito tempo eu tinha vontade de ser locutor de rádio, comecei a ser locutor de rádio, é primeiro eu comecei eu fui ser DJ e pra agente ser locutor de rádio você sabe que você tem que estudar ter pelo menos o terceiro ano completo, mas na minha época, na minha época que eu tô com 35 anos de idade, na minha época não era fácil pra estudar, era mais difícil as dificuldade era mais, era mais difícil e agente morava no interior, só tinha só ité primeiro ano só, naquele tempo era a dificuldade de professores, aquela coisa toda e ai apesar disso eu estudei pouco. (SILVA, 2014)

A trajetória de Antonio Carlos é marcada pela falta de oportunidades em dar continuidade nos estudos. Começou a frequentar a escola somente aos 13 anos de idade, devido as escolas serem distantes do local em que morava (Novo Paraíso). Também teve que sair da casa dos pais para trabalhar na casa de farinha do tio e estudar, o que colaborou para sua desistência dos estudos. Segundo o mesmo, sempre houve interesse de sua parte em trabalhar no ramo de comunicação: “Mas apesar de ter tanta vontade de ser locutor, aprendi mexer com computador, eu não sou muito legal pra escrever, mas eu entendo o que eu faço, eu conheço as letras”. (SILVA, 2014)

Gonçalves e Azevedo (2004, p. 4) dialogam com esse querer comunicar do locutor da rádio Comunitária da Vila de Santa Fé: “A comunicação, o diálogo, o estar em contato com os outros, e o desenvolvimento do espírito de criticidade, é o que concede ao ser a condição de existir”.

O rádio é um veículo de grande atuação social e através dessa mídia pessoas das mais diferentes classes sociais e religiões têm acesso à informação e ao entretenimento. É sem dúvida um veículo “democrático” e tem um papel importante na transmissão de conhecimentos.

Gonçalves e Azevedo (2004, p.02) subsidiam a reflexão sobre a utilização das mídias com propósitos pedagógicos: “A escola que ao longo dos tempos se distanciou da vida cotidiana, busca hoje diminuir estas distâncias e é neste sentido que o uso da rádio na educação vem contribuir, ou seja, preencher a lacuna formada entre sociedade e escola”.

Entendemos que o rádio é um importante instrumento para o estímulo da comunicação dos alunos, pois permite o desenvolvimento da oralidade de maneira interessante e lúdica. Além disso, nas leituras na rádio, podemos trabalhar diversos gêneros e seus usos de maneiras próximas ao cotidiano dos envolvidos. Quanto a isso, o PCN’s (Língua Portuguesa, p.67, 1998) relatam:

Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acesso a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania.

Diante da perspectiva de que a leitura é fundamental no desenvolvimento do ser humano e que a escola possui um papel importante no desenvolvimento do hábito da leitura e ainda tem por obrigação proporcionar a seus alunos acesso a esse conhecimento, podemos perceber que, no caso do *DJ* Carlos, não aconteceu esse acesso, como o mesmo relata sobre a importância de dar continuidade aos seus estudos:

Mas o principal era estudar você sabe que pra ser locutor tem que estudar, como é que você vai ler as coisas como é que você vai mexer com computador se você não sabe ler não sabe escrever então o primeiro passo é estudar. Hoje eu tô com trinta e cinco anos de idade e eu ainda penso de voltar a estudar pra aprender mais algumas coisas e é só isso. (SILVA, 2014)

Percebe-se no relato do *DJ* Carlos o desejo e necessidade retomar os estudos para adquirir conhecimento necessário, inclusive, dar continuidade ao desenvolvimento de seu trabalho como comunicador.

Diante das questões elencada, e se os conhecimentos foram fragmentados pelas lógicas ocidentais, é hora daqueles que se dedicam às praticas complexas tecerem outras e novas experiências para a Escola, como aponta Morin (2000, p.118): “uma reforma educacional não é simplesmente, como muitos pensam, de caráter programático, mas sim paradigmático, porque inclusive o global e o local precisam ser articulados”. Assim, como problemática levantada para essa pesquisa: como a escola Maria das Neves e Silva pode manter uma relação dialógica e pedagógica com a Rádio Comunitária Rural de Vila Santa Fé?

Para isso, faz-se necessário dialogar com os saberes encontrados na Escola Maria das Neves e Silva com o dia a dia da Rádio Comunitária Rural de Vila Santa Fé, pois pretendemos incentivar o uso da rádio comunitária rural FM como recurso pedagógico. Tal

tarefa será levada a cabo, especificamente, ao demonstrarmos que a comunicação entre comunidade e escola pode estreitar suas relações, a partir da migração de textos literários à programação da rádio comunitária rural e , assim, promover o encontro de saberes da escola com os saberes da vida. Maia ([s.d] p. 5), a sintetiza esses objetivos ao sugerir que:

Permitirá à comunidade escolar construir seu próprio discurso, transmitindo a todos o que pensa, deseja e necessita para a melhoria das relações entre a comunidade escolar e seu em torno. Assim o projeto se constitui numa prática viva da cidadania, que contribui, certamente, para a construção de uma sociedade mais justa, formada por cidadãos capazes de decidir o próprio destino. (MAIA, [s.d], p.5)

Para desenvolver o trabalho, um dos caminhos de acesso, será a realização de entrevistas com os sujeitos do processo: alunos, professores, comunidade, locutor da rádio, levando em consideração o que Portelli (1997, p.15) nos diz: “cada entrevista é importante, por ser diferente de todas as outras”.

Entendemos que se faz necessária a leitura e transcrição de gravações realizadas pelos alunos que participam do programa da rádio, assim como do locutor, por acreditarmos que as histórias lidas e contadas por estes sujeitos nos colocam numa situação de igualdade com o outro, pois Portelli (1997, p.18) nos diz ainda que:

A história oral como uma arte do indivíduo, portanto, leva ao reconhecimento não só da diferença, como também da igualdade. A diferença é antes de mais nada aquela entre as numerosas pessoas com quem conversamos, porém, compreende, também o elemento de serem diferentes de nós. (Portelli,1997, p. 18)

Para tentarmos compreender a atitude do proprietário da rádio em aceitar a parceria com a escola e, mais ainda, procurar uma possível leitura de como essa abertura poderá estar beneficiando ambos os lados, estaremos realizando leituras de aportes teóricos como: Junior Abdala (2004), Alessandro Portelli (1997) discutindo a relação dialógica com o outro; Elizabeth Moraes Gonçalves, Adriana Barroso Azevedo (2004), Regina Marta Maia,([s.d]), que se referem ao rádio e suas interfaces. Edgar Morin (2000), que discute os sete saberes necessários à educação do futuro, PCNS (LP, 1998), Paul Zumthor (2007) que enfatiza a performance do corpo no momento da leitura e ainda o ato de se comunicar, fazendo relação com a escrita.

## 1. ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIAS: VILA, ESCOLA E O HOMEM

### 1.1 SANTA FÉ: DA CASTANHA AO LEITE

Devido ser um local para encontro de negociadores atraídos pelo extrativismo dos recursos naturais como a castanha do Pará, madeiras de lei, caça, pesca e a esperança de conseguir um pedaço de terra com possibilidades de melhores condições de vida, o fluxo migratório de nordestinos, especialmente dos estados do Maranhão, Bahia e ainda pessoas do Goiás, foi o motivo para, a partir de 1970, começarem a chegar os primeiros moradores de Vila Santa Fé, tendo o pai da senhora Ivanilde como uma das pessoas a explorar os recursos existentes na Vila: “O meu pai<sup>3</sup> veio para cá porque ele extraía, matava caça né para tirar o couro pra vender, ai chegando aqui havia muita castanha do Pará, castanha do Pará era o recurso aqui”. (SOUSA, 2011)

Com o interesse do senhor Antonio Ribeiro<sup>4</sup> em formar uma comunidade em novembro de 1973, doou alguns lotes para a construção de casas onde foi construída a primeira rua denominada “Rua do Ribeiro”. Logo após, foi escolhido o nome da vila: “Vila Santa Cruz”, mas durante seu registro foi constatada a existência de uma Vila de mesmo nome. O fundador começou a pensar em outro nome e decidiu por “Vila Santa Fé”, pois, segundo ele, diante dos obstáculos que precisaram enfrentar para continuar morando naquela localidade, era preciso, além de coragem, muita fé. Sobre isso, a senhora Ivanilde, moradora e contemporânea desse momento, diz:

Depois já o nome da Vila já foi já foi dado já quando o Antonio Ribeiro chegou e formou que ele teve a ideia de fazer a Vila né que colocou o primeiro nome que não deu certo aí foi que ele colocou é de Vila Santa Fé já em 1975 por aí assim que ele quando surgiu a ideia né na cabeça dele de formar a Vila. (SOUSA, 2011)

Essa é uma das versões existentes sobre a origem do nome de Vila Santa Fé, assim como a data de sua fundação. Vila Santa Fé antes era chamada de Vila Café, mas quando seu fundador foi dar um nome, lembrou-se que na região havia uma fazenda por nome Santa Cruz, para não ser o mesmo nome, então resolveu substituir o nome cruz por fé, originando Santa Fé.

Uma das grandes dificuldades encontradas na década de 1970 era o acesso de carro da sede do município de Marabá à região. O principal transporte era o animal ou a pé. Os agricultores percorriam esse trajeto em dois dias e até em uma semana em

---

<sup>3</sup> Adão dos Santos.

<sup>4</sup> Antonio Ribeiro (in memorian) foi o fundador/proprietário das terras onde hoje é encontrada Vila Santa Fé.

dias chuvosos. Com o grande número de pessoas vindas para essa região em busca de uma forma de renda e até mesmo de um pedaço de chão, chegaram também os madeireiros que começaram a abrir estradas para escoar a madeira -inclusive um deles que se chamava Mamed Mussi, e que naquela época deu nome a estrada que liga as vilas a sede do município de Marabá. Algum tempo depois a estrada passou a ser chamada de Rio Preto, devido ao Rio Preto cortar a mesma.

No início de 1980, foi construída, ou seja, melhorada a estrada de chão, uma parceria do município com o governo federal, porém quando chovia, era melhor ir montado a cavalo do que de carro, devido aos bastantes atoleiros.



**Figura 1: Atoleiros na estrada do Rio Preto na década de 80.**  
**Fonte: Secretaria da Escola Maria das Neves e Silva, 1983**

No que se refere à economia já na década de 90, existiam 07 indústrias madeireiras, que geravam cerca de 500 empregos diretos e boa parte dessa mão de obra era advinda de fora da vila, ocasionando assim o aumento da população e construções de novas residências. Com a extração de madeira da região por um grande período, os recursos naturais que mantinham a economia local foram acabando e conseqüentemente as madeireiras fecharam e centenas de pessoas tiveram que sair em busca de emprego em outras localidades.

A respeito dessa atividade comercial na Vila, a Senhora Ana diz o seguinte:

O primeiro comerciante daqui foi um rapaz chamado Zé Bonfim, é esse Zé Bonfim botou um comércio ali onde é a Elenice que a Elenice mora hoje e colocou esse comércio e nós comprava na mão dele, só tinha esse comércio, depois o Adroaldo, colocou mas era bar né colocou mais não era comércio era bar, a farmácia quem colocou... não tô lembrada, não tô lembrada mais o nome dessa pessoa que botou a 1ª farmácia, mais a 2ª farmácia o dono parece que era seu Antônio que é ali hoje caiu aquela casa que é dos produtores rurais, da associação dos produtores rural, que ali era um comércio e uma farmácia desse senhor, é que faz muito tempo ninguém lembra mais o nome. (SPINDOLA, 2011)





**Figura 2: Formas de Transporte utilizada nos anos 80.**  
**Fonte:Secretaria da Escola Maria das Neves e Silva, 2015**

Com o término do ciclo da castanha, depois do auge da exploração, após as primeiras roças e a extinção das madeiras de lei, os moradores passaram a adquirir os primeiros animais, começando a pecuária nesta região, além de produzir ainda arroz, mandioca, milho, feijão e assim garantir a sobrevivência.

Na região de Vila Santa Fé, existiam grandes fazendas como Dourada do Sr. Japão e outra da família Zucatelli. A chegada das pessoas em busca de um pedaço de terra, a partir do momento em que ocupavam as terras de posse dos fazendeiros, geravam-se alguns conflitos, mortes e até prisão durante a desapropriação. Com a negociação do INCRA com os “donos” das terras, algumas foram divididas e cortadas formando alguns PAs<sup>5</sup>, como Dourada, Tamboril, Bom Jardim da Voltinha e Diamante do Itacaiunas.

Atualmente, a economia na comunidade se encontra dividida em funcionalismo público, alguns comércios de secos e molhados que é responsável por um número pequeno de empregos à população, agricultura e pecuária, cujo objetivo era tentar estabelecer sistemas de produção que lhes garantam uma qualidade de vida aceitável. Em resumo, nesta região podemos encontrar diferentes formas de produção, como argumenta Reijntjes, (1994, p.44):

Os sistemas de produção dos estabelecimentos agrícolas são dinâmicos, uma vez que as condições para a agricultura e as necessidades da família de agricultores mudam com o tempo. Os grupos familiares que conseguem sobreviver estão sempre num processo de ajustamentos constantes frente às mudanças.

Vila Santa Fé está localizada 72 Km do município de Marabá, tendo acesso pela rodovia Transamazônica sentido Itupiranga, no Km 09 segue pela esquerda na estrada

---

<sup>5</sup> Projeto de Assentamento

do Rio Preto. Ao leste de Vila Santa Fé está a sede Marabá, a Oeste o Rio Preto, ao Norte o município de Itupiranga e ao Sul o Rio Itacaiúnas.

Acredita-se que futuramente a economia em Vila Santa Fé girará em torno da bacia leiteira, concentradas principalmente nos PA's<sup>6</sup> Carajás Tamboril, Dourada, Bom Jardim da Voltinha, Voltinha do Itacaiúnas e Morajuba, quase 80% dos 6000 (seis mil) litros diários de leite advém.

Por possuir uma infraestrutura na iniciativa privada como comércio, transportes e comunicação, Santa Fé exerce certa influência sobre as comunidades vizinhas sendo considerada um “núcleo urbano” (como mostra o mapa acima). Em 2000 foi criada a comissão pró-emancipação de Vila Santa Fé, com opiniões diferenciadas, pois alguns moradores acreditam que o lugar já tem estrutura produtiva, populacional, econômica e física para tornar-se um município e caminhar com suas próprias pernas e cada dia que passa cresce mais a tensão da população em relação a emancipação. Outros acham que da forma que está a Vila não tem condições de se emancipar, devido às poucas formas de economia e a diminuição da população. Sobre isso a senhora Ana, moradora que observa as dinâmicas sociais da vila, faz o seguinte comentário:

Nós achava que a vilinha ia ficar melhor do que o que tava só que com essa derrota de não ter ganhado, do sim não ter ganhado vai ficar mais difícil ela se emancipar ela virar uma cidade então essa falta foi ficou difícil a vila santa Fé. (SPINDOLA, 2011)

Spindola (2011) se refere ao plebiscito que ocorreu em 2009 para ouvir a população paraense sobre a divisão do estado do Pará em três Estados: Tapajós, Pará e Carajás. Para a moradora, o fato da maioria dos votos ter sido NÃO à divisão do Estado do Pará, dificultaria a emancipação da Vila.



**Fig 4: Cartografia da comunidade** Fonte: Arquivo pessoal

<sup>6</sup> Nas regiões circunvizinhas de Vila Santa Fé, estão localizados os “Projetos de Assentamentos”: Carajás Tamboril, Dourada, Bom Jardim da Voltinha, Voltinha do Inacianas e Morajuba, como mostra a imagem do mapa acima.

Podemos perceber que ainda existem vários problemas sociais na comunidade: o não funcionamento do espaço coberto (feira) destinado a vendas da produção dos agricultores; alguns estabelecimentos que se encontram fechados, ocasionando assim a falta de emprego para a população, o abastecimento de água, pois no verão a população só consegue água para sobreviver através de um chafariz. Apesar dos vários problemas ainda existentes, a comunidade é beneficiada com energia elétrica, telefone fixo, internet. Outra grande conquista foi à construção da escola M.E.F Maria das Neves Silva o qual na década de 90 não comportava a quantidade de alunos, construindo assim o prédio da E.M.E.F. Jean Piaget, que atende alunos de Educação Infantil.

## 1.2 – DO PAU A PIQUE, CHÃO BATIDO AO PRÉDIO DE CONCRETO



**Fig.5: Primeira escola:**  
**Fonte: Acervo da escola. 1982**

O primeiro barraco construído para funcionar a escola Maria das Neves e Silva era de barro e pau a pique, de chão batido e coberta de palha, com uma estrutura muito precária, localizado na Rua São João esquina com a Rua Principal. Os alunos sentavam em pedaços de madeira e usavam outros como mesa para escrever. Isso ocorreu através do incentivo do Sr. Josias Borges de Freitas, que possuía uma terra na região e percebendo a necessidade das crianças da comunidade em frequentar a escola, pediu ao Sr. Abel, juntamente com alguns pais de alunos da época para fazer a lista de alunos com idade para frequentar a escola. Em abril de 1981 as aulas começaram a funcionar.

Os professores eram escolhidos através de uma entrevista, por sua relação com o Sr Josias Borges Freitas (então diretor) e ainda por sua formação, que na época se exigia pouco para trabalhar. Por ter sido uma das pessoas que estavam sempre à frente na busca por implantar algum projeto relacionado à educação, tanto por estar melhor preparado na época quanto por ser relacionado para resolver as questões burocráticas que conseqüentemente apareciam, o Sr Josias se tornou responsável pela direção da escola.



**Fig. 7: Alguns dos fundadores da escola:  
Fonte: GONÇALVES, Lindoval. 1986**

A primeira professora foi Maria Salomé Carvalho Nascimento, tendo o então 1º grau incompleto (7ª série). Ela trabalhou na primeira turma de 1ª série funcionando com 34 alunos. Somente a partir de 1984, houve um professor com magistério. Sobre isso, a professora Elda, que é ex-aluna e professora no Laboratório de Informática, relata:

Os professores continuaram trabalhando desta forma até que nos anos seguintes começaram a melhorar suas formações através de um projeto da época chamado Gavião I para concluir o fundamental e Gavião II para se concluir o ensino médio era um curso ministrado durante as férias aqui mesmo na comunidade [...], sei que quem batalhou pra trazer este curso também foi o Sr. Josias e sei que além dos professores daqui os professores dos arredores também foram atendidos por este projeto. (SOUZA, 2012).

Como nos arredores da escola existiam muitas árvores, entre elas uma grande castanheira, a qual num dia de chuva e de ventania caiu em cima do barraco, no dia seguinte os alunos tiveram que estudar em outro barraco que se situava na Rua Goiás, enquanto se pensava em uma forma de resolver o problema. Permaneceram lá por algum tempo e conseguiram um espaço numa avenida que se chamava principal, com o número de alunos crescendo e começaram a pensar em realmente construir mais salas e maiores

Ainda nos anos 90 com o aumento do número de alunos e com a abertura das serrarias, mesmo em horário intervalar, as salas de aula ainda se tornavam insuficientes para atender a demanda. Por isso, em 1995, foi construída a escola Jean Piaget que passou a atender alunos de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental e a escola Maria das Neves e Silva alunos de 5ª a 8ª série. O problema continuou em 2005 houve a necessidade da construção do atual prédio da escola Maria das Neves e Silva.



**Fig. 8: Pátio da escola na Avenida Principal 1986,  
Acervo da escola. 2013**

. Atualmente a E.M.E.F Prof. Maria das Neves e Silva situa-se à Rua São Paulo, s/nº, possui oito salas de aula, uma quadra de esportes, laboratório de informática, atende aproximadamente 289 alunos do Ensino fundamental de 6º ao 9º ano e EJA. Atende também 06 turmas de ensino médio em salas emprestadas ao estado via SOME (Sistema Modular de Ensino), que é de responsabilidade da escola polo Prof. Acy de Jesus Neves de Barros Pereira em Marabá. Pode se perceber que existem alguns problemas que comprometem o desenvolvimento de atividades, como a falta de uma biblioteca e um laboratório de informática com espaço maior, mais computadores e internet, de uma sala de vídeo, de um auditório para a realização das reuniões e culminância de projetos e, por fim, a climatização das salas de aulas.

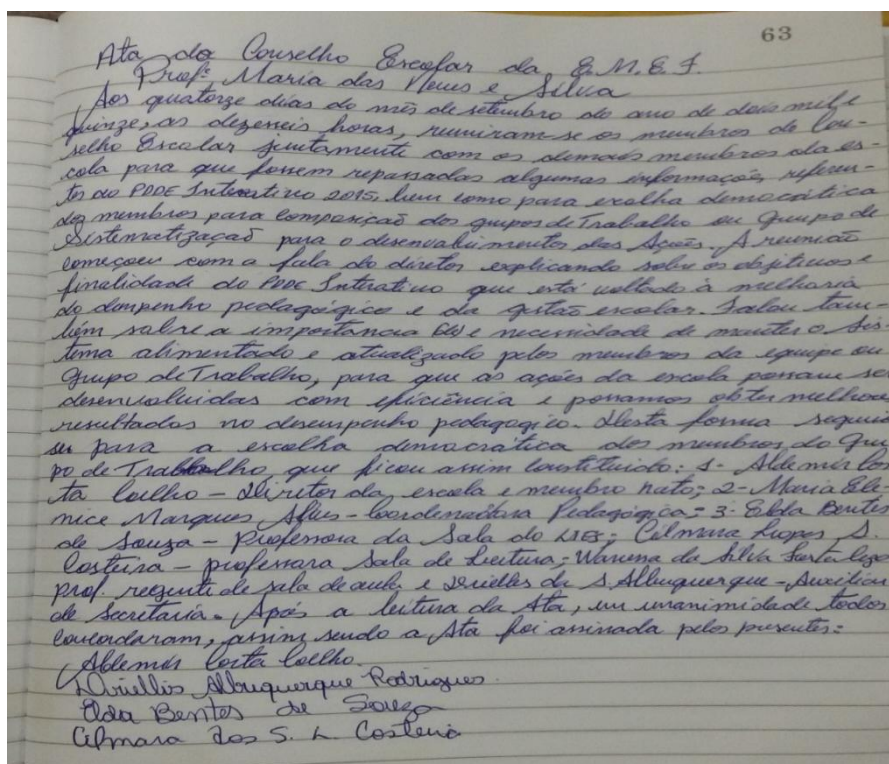
A escola possui um quadro de professores com formação profissional para atuarem nas áreas do conhecimento, porém muitos deles são professores de Marabá e região adjacentes recém-formados. Por não morarem na comunidade, desconhecem a realidade local, sem contar que a cada final de ano letivo há troca de servidores, devido os mesmos serem contratados. Segundo o PPP da escola, isto pode estar ocasionando uma má qualidade no processo ensino aprendizagem:

Afetividade e interação entre professor/aluno/conhecimento, pois nem sempre podem opinar e definir as temáticas a serem trabalhadas nos projetos da escola; o não cumprimento do código de ética da escola tanto por parte do educando quanto do educador; falta de atenção especial com os alunos com dificuldades de aprendizagens e etc. (PPP da Escola Maria das Neves e Silva)

A escola tem o discurso de que desenvolve um trabalho de acordo com a realidade da comunidade e como podemos observar em sua proposta de ensino, a escola atribui a culpa aos professores que não residem na comunidade e muitas das

vezes não podem fazer muita coisa, haja vista que, na maioria das vezes ficam somente seis meses ou um ano contratados.

A escola Maria das Neves e Silva não é diferente de muitas escolas pelo Brasil que recebem recursos do governo federal, através de programas como o PDDE, PDE Interativo e MAIS EDUCAÇÃO, ESCOLA SUSTENTÁVEL, todos esses programas têm sido implantados para elevar os índices de desempenho da Educação Básica, através de aquisição de material permanente; manutenção, conservação e pequenos reparos da unidade escolar; aquisição de material de consumo necessário ao funcionamento da escola; avaliação de aprendizagem; implementação de projeto pedagógico; e desenvolvimento de atividades educacionais. Mas para que a escola consiga este avanço deverá além de seguir e cumprir algumas regras trabalhar na perspectiva de elevar a média do IDEB, uma das metas a serem cumpridas.



**Fig. 9: Organização dos grupos de trabalho do Programa PDE Interativo Secretaria da Escola Maria das Neves e Silva, 2015**

Seguindo essa perspectiva de gestão democrática, como podemos observar na Ata da reunião para escolha da equipe que irá desempenhar as atividades do programa PDE Interativo. A prefeitura de Marabá implantou, a partir do ano de 2014, um projeto que visa a não nomeação por parte dos gestores municipais e sim por meio eleições diretas para direção de escola, o que ocorreu na escola Maria das Neves e Silva.

Anteriormente, nos casos dos cargos em que o prefeito nomeava alguém para assumir um cargo de “confiança” e principalmente para direção de unidade de ensino, a administração se tornava algo que visava somente aos interesses da gestão, por mais que a comunidade cobrasse ou não quisesse o diretor era “obrigado” a aceitar. Desejando essa gestão escolar “democrática”, o PPP diz que:

Em nossa escola projetada, a gestão escolar é sobre tudo democrática e participativa, pautada nos princípios da equidade, da transparência, do respeito e da excelência. Será garantido à participação e a autonomia de todos os segmentos na gestão de processos, com a implementação e efetividade do Conselho Escolar, do Conselho de Classe e da própria equipe gestora no qual cada um terá suas responsabilidades claramente definidas, com o intuito de melhorar a gestão de processos nos vários segmentos da escola e reduzir o tempo de resolução das demandas no cotidiano escolar. (PPP da Escola Maria das Neves e Silva)

Assim, o diretor atuante no período de execução do projeto, para estar ocupando este cargo, apresentou um plano de trabalho com proposta de gestão democrática e participativa, visando participação da comunidade diretamente tanto no processo eleitoral para escolha do gestor escolar, quanto das ações propostas para o processo ensino aprendizagem, relata o Sr. Aldemir Costa Coelho (Diretor).

Só que eu vejo da seguinte forma: simplesmente o fato da comunidade escolher seu gestor isso não significa que essa unidade escolar tenha uma gestão democrática, por que existe dois tipos de gestão democrática, existe a representativa e a gestão democrática participativa. Aquela representativa é quando tu escolhes através da eleição o teu representante e aí tu deixas por conta dele, [...] e isso não é bom, existe aquela participativa né que além de você escolher seu representante você está ali no dia a dia participando de todas as ações desenvolvida ali por este gestor e aí o que eu penso o que eu acredito é [...]essa é a gestão democrática participativa (COELHO, 2016).

Nessa comunidade mesmo com essa proposta da direção, a comunidade pouco participa das tomadas de decisões da escola, a menos que a própria escola os convide a participar, mas ao contrário só participa em um número pequeno das eleições à direção. Portanto, o discurso é de uma gestão democrática participativa, enquanto na verdade a comunidade não tem ciência do que seria na prática .

A metodologia adotada para trabalhar na escola é de projetos, são realizados dois projetos/ação no primeiro bimestre como: “Carnaval: Arte, Cultura e História” e “Páscoa”, ambos têm objetivos voltados para a legitimação de valores por parte dos alunos e da comunidade, trabalhando a história do Carnaval, mas focando nos problemas enfrentados por este público.





**Fig. 10: Projetos do primeiro Semestre  
Acervo da Escola, 2014**

Outro projeto de grande importância desenvolvido pela escola no primeiro semestre é “Amigos da Natureza e Amantes da Vida”, que trabalha os problemas sociais e ambientais existentes em Vila Santa Fé e comunidades vizinhas. Acontece na escola ainda a FEARC – Feira de Ciência, Arte e Cultura, para finalizar o ano letivo, na maioria das vezes são trabalhados os mesmos temas do Projeto “Amigos da natureza e amantes da vida”, mas com um foco mais científico.



**Fig. 11 Culminância do Projeto Amigos da Natureza e Amantes da Vida,  
Acervo da Escola, 2014**

Todos os projetos supracitados buscam a elevação do IDEB, haja vista que a escola não tem uma proposta curricular própria, mas segue uma proposta pedagógica sugerida pelos programas do governo federal com estratégias que visam à aceleração das aprendizagens dos alunos

Mesmo com todos os projetos, a escola não alcançou a meta no último IDEB, em 2013, que foi 4.4, o resultado foi 3,9, já em 2015 a meta foi de 4.7 e até o momento não foi liberado o resultado, mas a expectativa é de que não alcance também. Acreditamos que existem alguns fatores que podem estar contribuindo para

este “fracasso”, pois a partir do momento que a escola foca em cumprir metas impostas pelo governo federal, deixando de cumprir outros fatores que seriam mais relevantes para o dia a dia na sala de aula, como o incentivo a leitura e escrita, os problemas da vida dos alunos que podem influenciar no ensino aprendizagem e ainda um trabalho com professores sobre como lidar com tais problemas.

### 1.3 – *DJ*, COMUNICADOR E APRENDIZ



**Fig. 12: Almejando parcerias.**  
Arquivo pessoal

Vindo do distrito de Novo Paraíso, mas nascido na cidade de São Domingos do Araguaia, Antonio Carlos Teixeira da Silva, conhecido como *DJ* Carlos, reside em Vila Santa Fé, a 08 anos. Começou a estudar aos 13 anos de idade quando morava no município de São João do Araguaia, Pará.

As escolas eram distantes, por isso teve ir na casa de um tio, há 20 Km do lugar em que morava, no Distrito de Ponta de Pedra<sup>7</sup>, para estudar, pois era a escola mais próximo e ainda tinha que trabalhar na roça para se manter, pois seus pais não tinham condição.

[...], quando eu fui estudar eu fui estudar o ABC quando eu tinha 13 de idade e lá no lugar que agente morava no município de São João do Araguaia ali próximo São Domingos do Araguaia as escolas era longe aí eu fui estudar na casa do meu tio, uns 20 Km da lá da onde agente morava[...] (SILVA, 2014)

Já aos dezesseis anos e sempre com vontade de trabalhar na área de comunicação (ser locutor de rádio e *DJ*), ao ter condição financeira comprou um toca-fitas e sempre que convidado saía pela região de Ponta de Pedra município de São

<sup>7</sup> Localizada no município de São João do Araguaia - PA

Domingos tocando em festas de aniversário. Após dar uma entrevista na rádio Itacaiúnas, no município de Marabá, por intermédio de um amigo que trabalhava na mesma, surgiram muitas oportunidade de emprego em outras rádios, o Dj Carlos relata:

[...] aí meu sonho era falar na rádio itacaiunas em marabá, a rádio itacaiunas é a primeira rádio de marabá pra quem não sabe itacaiunas é a primeira rádio que teve em marabá foi a rádio itacaiunas aí eu conhecia um cara lá que é o Marcus Vinicius que até hoje é muito meu amigo ele, aí eu fui lá uma vez pedir pra ele “rapaz, mim entrevista aqui na rádio” aí ele me entrevistou na rádio, a rádio deu audiência , ele gostou ai pronto eu caí no mundo da comunicação na área do rádio, aí eu fui trabalhar pros outros em várias rádio aqui no Pará[...] ( SILVA, 2014)

Em Vila Santa Fé é locutor e proprietário da rádio comunitária rural FM e tem o sonho de crescer na área da comunicação, por isso quer montar uma rádio no município de São Domingos do Araguaia, inclusive, para 2016, pretende ir à Brasília, no ministério das comunicações, buscar regularizar a rádio, pois pretende continuar trabalhando na rádio aqui da Vila Santa Fé também. Além disso, pretende instalar um aparelho para que os ouvintes repassem um recado ao vivo, para familiares e amigos que se encontrarem ouvindo a rádio:

Como aqui na região é uma região que não pega celular, não tem meio de comunicação, nem todo mundo tem telefone e a rádio é o meio melhor né que acho é a rádio comunitária FM, por isso eu vou instalar um equipamento para que as pessoas que mora aqui na região, os ouvintes da rádio transmitam recados aos familiares da regiões das colônias das vicinais, principalmente da vila os telefones aqui são poucos e agente sempre recebe cinquenta a sessenta ligações por dia de recado de ouvinte então eu creio que com esse aparelho o ouvinte vai passar seu aviso ao vivo vai ser muito melhor para os ouvinte vai ser muito melhor. (SILVA, 2014)

A rádio Comunitária Rural FM funciona das 05:00h às 22:00h e obedece à seguinte programação: Das 05:00h às 08:00h acontece o Programa Manhã Sertaneja e tem o *DJ* Carlos como locutor responsável; Das 08:00h às 11:00h, o Programa Show da Manhã, que atualmente conta com o Sr Alfredo Azevedo como locutor responsável; Das 11:00h às 14:00h, as programações evangélica; Das 14:00h às 16:00h, programa Show da Tarde e Na onda do batidão; Das 16:00h às 17:00h, programa Hora do Amado Batista; Das 17:00h às 18:00h, Programa Evangélico; Das 18:00 às 19:00h Programa Sertanejo; Das 19:00h às 20:00, programa A voz do Brasil; Das 20:00 às 22:00h, programa Show da noite, que tem o *DJ* Carlos como responsável. Por todos esses fatores o *DJ* já considera necessário um ajudante ou mesmo um locutor para auxiliar, tanto na programação da rádio, quanto no atendimento aos ouvintes.

apesar que aqui na rádio e locutor por enquanto ta sendo só eu e as programações evangélica, onde eu abrir espaço para todas as igrejas fazer

um programa evangélico aqui na rádio, inclusive agente quer botar uma ajudante aqui rádio porque agente sai e fica uma pessoa uma secretaria fica aqui na rádio pra fazer uma programação e pra atender as pessoas que chega aqui, principalmente as pessoas que passa recado pelo telefone as vezes liga e não encontra ninguém aqui na rádio né, apesar que a gente não tem condições de pagar uma funcionária mas a gente tá tentando resolver esse problema de botar uma pessoa aqui pra atender as pessoas. (SILVA, 2014)

Os comerciais de empresas locais e de Marabá são o que mantém às despesas da rádio como conta de telefone e energia, manutenção dos computadores e até mesmo despesas particulares dos locutores que trabalham na rádio.

## **2. RELIGANDO SABERES**

### **2.1 SABERES DO CAMPO**

O Ministério da Educação – MEC criou o curso de Educação do Campo a partir de 2003, a fim de promover uma ação de política nacional de educação do campo, em Marabá a primeira turma de Licenciatura em Educação do Campo iniciou em 2009 no *Campus* da então Universidade Federal do Pará - UFPA, hoje, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA. Segundo (o Dicionário de Educação do Campo. 2012. p.466), educação do campo significa também:

uma nova modalidade de graduação nas universidades públicas brasileiras. Esta licenciatura tem como objetivo formar e habilitar profissionais para atuação nos anos finais do ensino fundamental e médio, tendo como objeto de estudo e de práticas as escolas de educação básica do campo.( Dicionário de Educação do Campo. 2012. p.466)

O curso de Licenciatura em Educação do Campo ofertado no *Campus* de Marabá está dividido em quatro áreas de conhecimento e habilitações: Linguagens, Arte – LA, Ciências Humanas e Sociais – CHS, Ciências Agrárias e da Natureza – CAN e Matemática. Os Princípios Norteadores, são a formação contextualizada e as experiências das comunidades do campo, como objeto de estudo e fonte de conhecimento, tendo a pesquisa como princípio educativo.

O curso se articula e se desenvolve em 5 eixos temáticos: Sociedade, Estado e Movimentos Sociais; Educação do Campo; Saberes, Culturas e Identidades; Sistemas Familiares de Produção e Campo, Territorialidade e Sustentabilidade.

O Tempo Espaço Localidade consiste num processo de pesquisa-ação-reflexão na localidade em que o educando está inserido, a partir de um processo de diálogo de saberes, nos diferentes espaços sociais presentes nas comunidades. Na concepção

presente no Projeto Político Pedagógico do Curso (PPC) de Licenciatura Plena em Educação do Campo, a alternância dos tempos-espacos Universidade e Localidade correspondem a um movimento cíclico de ação e reflexão.

A lógica desse movimento em diferentes tempos e espaços de formação motivaram essa pesquisa, na qual o Tempo Espaço Localidade corresponde a momentos de estudo a pesquisa e o estágio, as dimensões do processo formativo, ou seja, o Tempo Localidade constitui um dos espaços privilegiados de formação do curso.

## **2.2. RÁDIO E ESCOLA: RELATO DE UM ENTRELACE**

Para desenvolver o projeto de intervenção referente ao V tempo Comunidade do curso de educação do Campo, procurei parcerias que envolvessem outros sujeitos preocupados com a qualidade do ensino e interessados em desenvolver um trabalho em coletividade. Apresentamos a proposta elaborada, ainda na Universidade, à professora responsável pelo laboratório de informática, que já possuía uma proposta para trabalhar com um jornal na escola. Diante disso, unimos as propostas e convidamos a professora de Língua Portuguesa para sentarmos e firmarmos parceria, objetivando instigar a leitura e a escrita dos alunos em conjunto com a oralidade na rádio da comunidade, envolvendo, inicialmente, os alunos da escola de 6º ao 9º ano durante o ano letivo de 2014, pautados no que sugere o PPP da escola (2012):

Para tanto, a escola por inteira deve estar comprometida com a qualidade do ensino e com a aprendizagem, o sucesso do aluno e a eficácia da escola. Que suas funções enquanto funcionários de um espaço de construção do conhecimento, sejam desenvolvidas com competência e resultados, procurando sempre se pautar no princípio da coletividade a fim de estimular o interesse de sua clientela pela aquisição do conhecimento significativo. (PPP da escola Maria das Neves e Silva, 2012)

O que o PPP da escola propõe é que independentemente da função ou do cargo que exercem dentro da escola, os professores deveriam ter o compromisso com a qualidade do ensino utilizando metodologias que estimulem o aluno a participar com prazer desses momentos. Por estes fatores, fez-se necessário apresentação da proposta, em reunião, à direção, à coordenação e aos professores, que colocaram suas ideias/sugestões, como por exemplo a coordenadora sugeriu que se fizesse o trabalho por séries(ano) e não por turmas, haja vista que, segundo ela, os alunos do 8º ano (2014) seriam os mesmos que participaram da Prova Brasil(2015) por isso deveria ser trabalhado com eles as dificuldades de aprendizagem para prepará-los, o que não

deveria ser feito naquele momento, somente com foco na prova Brasil, mas sim nos sujeitos que precisam ter uma formação para a vida, independente do que o sistema político cobre.

O prof. Diego Mota (Geografia) sugeriu que na edição do jornal se deixasse um espaço (coluna) para a produção dos professores referente a algum tema de suas disciplinas. Outros professores e o diretor fizeram algumas perguntas, mas somente no intuito de tirar dúvidas relacionadas a alguma ação. As sugestões foram acatadas e inseridas à proposta do projeto.

Aconteceram várias reuniões entre as professoras Elda Bentes, Nilva Souza e por mim para a elaboração da proposta final. Depois que a proposta pedagógica ficou pronta, procuramos o Sr Carlos Silva Oliveira, proprietário da rádio Comunitária FM 98, para apresentar e juntos definirmos como entrelaçar esta proposta com a realidade da rádio. O senhor Carlos não fez nenhuma objeção quanto a realização e execução da proposta e definimos um cronograma das participações dos alunos na programação da rádio.

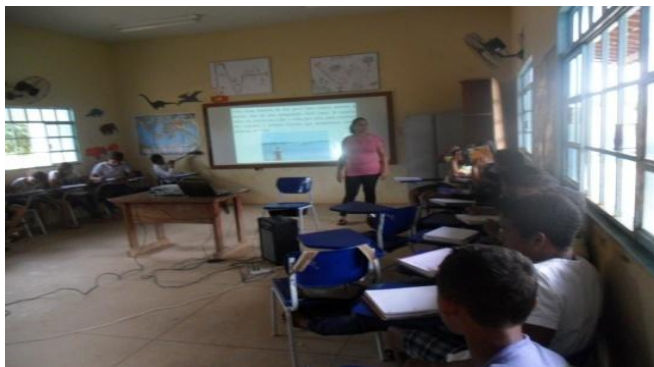
O rádio na escola torna-se um elemento que, enquanto ação educativa, prioriza a auto-estima e a autovalorização dos membros da comunidade, permitindo sua expressão, através da ampliação de sua voz, tornando-os agentes e produtores culturais. (GONÇALVES E AZEVEDO 2004, p.4).

Após os momentos de reflexão da proposta do projeto, fomos à rádio comunitária Rural FM de Vila Santa Fé para comunicar à comunidade a parceria entre a rádio e a escola e ainda sobre os horários de leitura dos alunos da Escola Maria das Neves e Silva. Sobre a parceria com a escola o *DJ* Carlos relata que:

A parceria da escola com a rádio eu acho que é uma parceria de importância para os alunos e pra rádio para os ouvintes, as pessoas comentam fala que foi legal a entrevista com os alunos agente anda pelas ruas e o povo comenta fala que foi legal, ai você ver que os alunos apesar que aqueles alunos da escola a maioria nunca nem pegou num microfone nunca viu um estúdio de uma rádio e aqui não tem diferença, do estúdio de uma rádio daqui, como de uma rádio profissional lá em cidade lá em marabá( SILVA, 2014).

Como já citado acima, sugeriram-nos que trabalhássemos o projeto com as duas turmas de 8º ano “A” e “B”, porém neste relato apresentaremos o trabalho realizado com a turma de 8º ano “B”, que funciona no turno da tarde, das 13:30h às 18:15h na sala 03 da escola Maria das Neves e Silva, composta de 27 alunos sendo 10 masculino e 17 feminino, a apresentação da proposta aos alunos se deu no dia 07 de

abril, a qual foi realizada por mim e pelas professoras Elda Bentes e a Nilva Souza (Língua Portuguesa). Cada uma falou sobre seu papel no desenvolvimento do projeto.



**Fig. 13: Personagens de uma história.**  
**Arquivo Pessoal**

No primeiro momento não pudemos contar com entusiasmo e aceitação dos alunos, mas realizamos a apresentação, tiramos as dúvidas que surgiram e expusemos o cronograma, os mesmos não sugeriram melhorias ou adequações às ações do projeto.

Para introduzir a proposta do jornal e da rádio na escola aos educandos, introduzimos as temáticas com o vídeo “Os narradores de javé”, com o objetivo de sensibilizá-los a produzir algo sobre sua comunidade, de perceber que uma comunidade sem memórias não existe e assim saber fazer uso das mídias que estamos propondo. Portelli (1997, p. 16) nos diz que:

A essencialidade do individuo é salientada pelo fato de a História Oral dizer respeito a versões do passado, ou seja, a memória. Ainda que esta seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em ultima análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais. (Portelli 1997, p.16.)

Como já dito acima, a apresentação contou com a colaboração da direção, de alguns professores, mais especialmente da Professora de Língua Portuguesa Nilva e da Professora Elda Bentes, ambas tinham interesses em estimular e contribuir com o aprendizado dos alunos, pois sua parceria na execução do projeto seria trabalhar as leituras em sala de aula, assim como os conteúdos da grade curricular que envolvessem os gêneros textuais e literários lidos pelos alunos na rádio. Mas o que não estava previsto aconteceu: a Prof. Nilva foi chamada para assumir um concurso em Itupiranga/Pa, deixando as turmas em que trabalhava no dia 23 de abril de 2014, o que para mim e Prof. Elda Bentes foi uma perda para o desenvolvimento do projeto, pois a parceria estava dando certo.



**Fig. 14: Buscando entender. LOPES, Arquivo Pessoal 2015**

Mesmo sem a presença da professora, continuamos o cronograma fazendo uma reflexão e uma produção com os alunos sobre o filme “Os narradores de Javé” e logo depois solicitamos aos mesmos que fosse feita uma pesquisa sobre a estrutura de um jornal, o qual seria utilizado os ambientes da sala de leitura e de informática, mas como fomos nós que encaminhamos as atividades, fizemos um cronograma de dias e horários para os alunos participarem da pesquisa, que foi realizada da seguinte forma: Os alunos da turma do 8º ano B, foram divididos em 4 grupos e deveriam vir à sala de leitura discutir e entender o material de pesquisa. Logo depois, dirigiam-se para a sala de informática, para assistirem e discutirem vídeo de experiências com o jornal na escola e

como



**Fig. 15: Entrevistando o DJ  
Arquivo Pessoal, 2014**

funcionava.

Nas aulas seguintes, após a pesquisa, fizemos uma comparação das informações sobre o jornal escrito, o jornal falado (televisivo) e a rádio da comunidade, por ser considerada uma das formas de comunicação mais utilizada pelas comunidades locais e vizinhas. Marcamos para a próxima aula uma visita à rádio. Para



isso, os alunos escreveram as questões que tinham curiosidades em relação à rádio e seu funcionamento.

A princípio, imaginávamos que os alunos iriam querer falar, fazer perguntas e questionamentos utilizando o microfone da rádio ao vivo, haja vista que na sala de aula eles já estavam agindo com muita liberdade sobre o assunto, mas muito pelo contrário, eles não queriam falar.

Depois que terminou a entrevista com o locutor/proprietário da rádio, ele se dirigiu aos alunos e falou: “existe uma grande diferença de você falar pessoalmente e na rádio, pois vocês imaginavam que por estar longe das pessoas não iam ficar nervosos, mas isso acontece mesmo com pessoas estudadas, como é o caso de vocês. (SILVA, 2014).

A visita à rádio foi realizada pelas duas turmas em que o projeto estava sendo trabalhado, só que em horários diferentes e mais uma vez fomos surpreendidas. Já a turma da manhã em que alunos demonstram mais timidez, superou-se. Não foi necessária nenhuma intervenção nossa para que os alunos tomassem a iniciativa de falar, questionar, etc....

Logo depois, mais precisamente no dia 05 de maio de 2014, chega à escola a Prof. Tahita para substituir a Prof. Nilva. Assim que chegou já falamos a ela sobre o projeto, em que pé estava e solicitamos sua contribuição. Ela gostou, mas combinamos de expor todo o projeto em outro momento. Ficamos esperando uma resposta, uma demonstração de interesse em contribuir com o trabalho, até o dia 13 de maio, enquanto isso o cronograma ficou parado e ela seguiu na sala com conteúdo do currículo.

Sentamos com a professora e falamos tudo como realmente havia sido planejado e observamos que não houve muito interesse, mas solicitamos que trabalhasse os conteúdos que incluíssem o gênero jornal, e ela concordou. O passo seguinte do projeto foi sugerir de textos para serem lidos na rádio pelos alunos das turmas, foi feito um cronograma e os mesmos atuaram em duplas por dia, pois a programação acontecia às segundas, quartas e sextas, todas as semanas.



**Fig.16: A voz no rádio.**  
**Arquivo Pessoal, 2014**

Nos dias de leitura, os alunos escalados se dirigiam para a sala de leitura e/ou informática, com os textos que haviam recebidos previamente para possível leitura. Sentávamos e os alunos liam e juntos discutimos, sempre dando ênfase às suas interpretações, seu entendimento, tal qual ele pretendia falar na rádio. A partir do momento em que os alunos se sentiam seguros nos dirigíamos à rádio para realizarmos a gravação da leitura.

### **PROGRAMAÇÃO: RÁDIO E ESCOLA**

<b>DATA</b>	<b>ALUNOS</b>	<b>TEXTOS</b>	<b>AUTOR</b>
05.11.14	Henrique Carlos	Pavão	Rubem Braga
07.11.14	Denise	Um caso de burro	Machado de Assis
10.11.14	Cleiton	Ser brotinho	Paul Mendes Campos
12.11.14	Tiago	Peladas	Armando Nogueira
14.11.14	Daniel	Considerações em torno das aves balas	Ivan Ângelo
17.11.14	Emanuel	O amor acaba	Paulo Mendes Campos
19.11.14	Adrielle	Cobrança	Moacyr Scliar
21.11.14	Venilson	Do rock	Carlos Heitor Cony
24.11.14	Sandy	A ultima crônica	Fernando Sabino

**Fig.17: Cronograma de Leituras. Arquivo Pessoal, 2014**

Ao chegar à escola, após o intervalo, sentávamos para ouvir a leitura realizada, juntamente com todos os alunos e funcionários e quando retornavam para a sala os

professores refletiam juntamente com os alunos sobre a mensagem dos textos lidos no dia.



**Fig. 18: A rádio na escola**  
**Arquivo Pessoal, 2014**

A prof. Tahita trabalhou com os alunos o tema Jornal na escola e os diversos gêneros textuais que o compõe com o objetivo de que os alunos aprendessem cada gênero e pudessem produzir o jornal mural, para ser exposto na escola. Ressaltando que o objetivo principal de trazer o jornal para a sala de aula é de instigar a produção escrita dos alunos, ampliando assim seu vocabulário, a partir dos gêneros textuais encontrados na coletânea das Olimpíadas de Língua Portuguesa, o que para isso, se fez necessário conhecer cada gênero.

Depois que conheceram estes gêneros em sala de aula, os alunos decidiram quais iriam compor o jornal mural. E optaram por ANÚNCIOS, RELAX, FALA PROFESSOR, VOZ DO POVO, ÚLTIMAS NOTÍCIAS e DICAS. A turma foi dividida em grupos que seriam responsáveis por cada coluna do jornal, tanto na escrita, quanto na busca das informações/entrevistas dos fatos e acontecimentos da comunidade.

No gênero anúncios, os alunos buscaram anunciar as necessidades dos próprios pais para vender produtos, oferta de emprego dentre outros; No relax, os alunos realizaram uma pesquisa sobre as piadas/provérbios que os alunos da turma achavam mais engraçadas, indicavam livros da sala de leitura e até filmes que já haviam assistido; Na coluna, Fala professor, o professor Diego Mota(Geografia), que estava trabalhando o tema “Agricultura Sustentável” nas turmas as quais era responsável, escreveu sua opinião sobre a importância de se trabalhar a agricultura familiar no processo ensino aprendizagem e na vida do aluno; Na Voz do povo, os alunos buscaram saber as opiniões dos colegas sobre temas relevantes no momento como, Copa do mundo no Brasil, Febre Chikungunya; Nas Últimas Notícias, eles falaram

sobre os acontecimentos da Vila, como: A festa junina da escola Maria das Neves e Silva e na escola Diamante do Itacaiunas (PA bom Jardim da Voltinha), Festa da Igreja Madureira, Leilão de gado no Parque de Vaquejada e ainda Peneira Futebolística e na coluna Dicas, as alunas pesquisaram dicas de moda e beleza para as jovens.

Depois disso os alunos foram ao laboratório de informática, sob orientação da professora Elda, produzir e digitar os textos a partir das informações. Em seguida foi necessário que houvesse uma intervenção das professoras responsáveis no que se refere à ortografia, então nesse momento caso houvesse necessidade era realizada a correção e refacção das produções.



**Fig. 19: Digitação das informações.**

**Arquivo Pessoal, 2014**

A preparação para a culminância foi adiada por duas vezes, na primeira pelo fato da professora Tahita ainda não ter se adaptado à escola, à turma e ao projeto, portanto não ocorreu no dia 20 de maio como estava previsto, repensamos todo cronograma e adiamos para o dia 13 de junho, que seria logo após o Projeto “Amigos da natureza e amantes da vida” que é o projeto macro do 1º semestre na escola e acontece normalmente na semana do meio ambiente.

Por alguns problemas na execução dos projetos do meio ambiente, após uma reunião a coordenação da escola mudou a data de culminância do projeto para o mesmo dia do lançamento do jornal, o que se tornou inviável a realização, no mesmo dia e horário para não parecer mais um projeto em meio aos demais, então adiamos para o dia 25 de junho às 19:30 h em frente à escola.



**Fig.20: Culminando o projeto  
Arquivo Pessoal**

A culminância para o lançamento do jornal e socialização das aprendizagens contou com algumas leituras realizadas na rádio que foram dramatizadas e ainda apresentação de músicas e poesias, pudemos contar ainda, com a participação da comunidade, o que nos deixou bastante satisfeita com o resultado do trabalho realizado.

### **3. UMA REFLEXÃO PARA O ENTRELACE**

#### **3.1 COM A VOZ O DJ**

Na oportunidade de interação entre a rádio e a escola, mas especificamente entre as professoras da sala de leitura e informática, percebemos a necessidade do Sr Carlos, quando nos colocou que precisava da nossa ajuda para passar em uma prova psicotécnica, pois o mesmo estava tentando obter sua Carteira de Habilitação - CNH, que já havia feito algumas tentativas. Perguntamos quais eram as reais dificuldades enfrentadas e ele disse que não sabia fazer a redação e já havia sido reprovado, porém a psicóloga havia lhe sugerido que estudasse mais um pouco e remarcasse a prova.

Diante da situação, marcamos um dia para ele vir a escola e realizarmos um diagnóstico para sondar as dificuldades encontradas por ele, pois acreditamos no que Gonçalves e Azevedo (2004, p.04) nos dizem: “No processo que envolve comunicação popular, alternativa ou comunitária, mais importante que a produção que se faz uso dos meios são as relações que os sujeitos/atores sociais estabelecem nesse processo de construção”.

Passadas duas semanas, ele nos procurou e eu juntamente com a prof. Elda, realizamos um diagnóstico com um ditado de palavras, utilizando de preferência as que o locutor usava no dia a dia da rádio, como por exemplo: COMPUTADOR, OUVINTE, PROPAGANDA, MÚSICA, dentre outras.

Após a realização do ditado de palavras, tentamos fazer com que o mesmo escrevesse frases também de seu cotidiano, pois a redação segundo ele tinha como título “falar sobre sua vida” e o mesmo deveria estar apto a produzir uma redação em apenas cinco dias, então começamos a lhe dar dicas a partir destas frases, como ele poderia melhorar a escrita, para escrever a redação falando de sua vida.

Em novembro de 2015, ocorreu a apreensão do rádio transmissor, do microfone, notebook e outros equipamentos, por parte de policiais federais e agentes da Anatel, considerando que proprietário da rádio não conseguiu regularizá-la. Como o próprio DJ relata:

[...] então o pessoal a população aqui da nossa vila utiliza rádio pra passar um recado, as reuniões, os avisos você tá numa cidade numa capital as vezes tá num hospital quer passar um recado para a família e usa esse meio de comunicação da gente aqui que é a rádio comunitária aqui na Vila Santa Fé. Só que né tem um detalhe agente infelizmente agente trabalha clandestino né agente num é aquela rádio legalizada, trabalhamos clandestino. (Silva, 2016)

De acordo com a lei a Lei 9.612/98 sancionada em 19/2/98 (publicada no D.O.U. de 20/2/98) que regulamenta as rádios comunitárias, numa frequência modulada (FM) de baixa potência (25 Watts) e cobertura restrita a um raio de 1 km a partir da antena transmissora para que a Rádio Comunitária Rural FM possa funcionar regularmente na região de Vila Santa Fé, município de Marabá, ainda se fazem necessárias várias tomadas de decisões, dentre elas: a criação de uma associação sem fins lucrativos. No entanto, essas questões ainda não foram resolvidas pelo *DJ* (proprietário), segundo ele por falta de condições financeiras, mas disse que está trabalhando para resolver isso solicitando-nos ajuda para compreender alguns formulários que serão enviados a um contador e conseqüentemente ao Ministério das Comunicações em Brasília.

A parceria pôde contribuir com a rádio no sentido de manter um papel social, cultural que é a proposta de uma rádio comunitária, uma programação diferenciada que ocasionou maior audiência, permitiu um maior abertura com a escola o que conseqüentemente contribuiu para os projetos pessoais do *DJ* Carlos, como por exemplo a volta aos estudos agora em 2016.

### **3.2 COM A VOZ A ESCOLA**

O desenvolvimento do projeto se deu da seguinte forma: no início do ano de 2014(1º semestre), trabalhamos com as turmas de 8º ano “A” e “B”, relatado

anteriormente. logo depois no 2º semestre, desenvolvemos o trabalho com as turmas de 9º ano, o objetivo era dar continuidade com as turmas do 7º ano em 2015.

Com todas as fases do estágio cumpridas, decidimos continuar com o projeto, por acreditar que a forma utilizada para incentivar a leitura e a escrita dos alunos estava dando certo, estavam podendo tirar dúvida sobre os textos que liam; tinham oportunidades de expressar tanto as ideias contidas nos textos quanto a sua reflexão, estavam em contato com os mais diferentes gêneros textuais, e assim passando a ter outros conhecimentos, a comunidade estava reconhecendo tanto o projeto desenvolvido quanto a iniciativa da escola em ultrapassar os muros, e ainda valorizar um dos meios de comunicação mais viáveis a toda comunidade no momento. A aluna Gleiciane Alcantara (2016<sup>o</sup>) relata seu aprendizado no projeto:

Então sobre os projetos dos professores, a parte que eles botou pra nós o conteúdo num tem? O que agente ia fazer tanto, os filmes, muito interessante também os filmes que eles botaram pra gente ver, muito bom a escolha deles, a parte assim da atenção que eles deram pra gente, ajuda e tudo, a companhia da gente até a rádio, deles com a gente até a rádio foi ótima, o momento da leitura também que eles presenciaram sobre a gente também ficou ótima eu gostei de tudo lá, que eles ajudaram agente do começo ao fim tudo eu gostei todos os conteúdos lá, dos filmes, dos livros, das leituras dos outros também gostei também. (Alcântara 2016).

A princípio pelo que podemos observar para a coordenação da escola, era um projeto diferenciado, pois na maioria dos projetos sempre é convidado á contribuir alguém com curso técnico, ou mesmo superior. Uma pessoa que não concluiu a 4ª série poderia contribuir? Para essa coordenadora, inicialmente, a inclusão desse sujeito alijado dos saberes letrado “não teria muito a oferecer” e quem estava sendo beneficiada era somente a comunidade, por ter uma programação diferente.

O relato foi demonstrado quando procuramos a coordenação para fazer uma fala sobre o projeto no dia de sua culminância. Como obtivemos resposta, em uma conversa: “não posso falar deste projeto já que não participei do seu desenvolvimento e ainda, que nesse projeto só quem tá ganhando com isso é a rádio e a comunidade”.

Convidamos também o *DJ* Carlos para falar sobre o projeto à comunidade e ele humildemente disse: “Por detrás do microfone da rádio eu falo tudo que mandar, mas de frente com o publico eu não consigo” diferentemente da atitude da coordenadora, sobre essa atitude concordamos com o que Bagno (1999, p.127) nos coloca:

Eu confesso que sinto muito maior prazer ao ler (ou ouvir) um texto cheio de “erros de português” — mas com ideias originais, inovadoras, coerentes, bem expressas —, um texto isento de preconceitos e de idéias rançosas, do que ao ler um texto com todas as vírgulas no lugar, com todas as regências

cultas respeitadas, todas as concordâncias verbais e nominais, mas repleto de intolerância, de deboche, de sarcasmo, de concepções degradantes e por aí afora. (Bagno, 1999, p.127)

Acreditamos que alguém que ocupe um papel na educação e age de tal forma deveria ser mais sensível e preparada para a escuta de saberes outros. Como diria Bagno (1999, p.9), “temos de fazer um grande esforço para não incorrer no erro milenar dos gramáticos tradicionalistas de estudar a língua como uma coisa morta, sem levar em consideração as pessoas vivas que a falam”.

Temos notado durante os anos de trabalhos nesta escola, que quando há uma proposta a ser realizada que não parte da autoria ou ideia da coordenadora, ela sempre procura um problema para não ser realizado ou mesmo se faz indiferente a qualquer ação, e quando é cobrada se faz de vítima. Acredito que isso aconteça pelo fato de não valorizar o trabalho dos profissionais, julgando-os incapazes. Para tanto Freire (1970, p.81), nos coloca que: Os homens que não tem humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo.[...] Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão buscam saber mais.

### **3.2.1 COM A VOZ OS ALUNOS**

Que um texto seja reconhecido como poético(literário) ou não depende do sentimento que nosso corpo tem. Necessidades para produzir efeitos; isto é para nos dar prazer. É este, a meu ver, um critério absoluto. Quando não há prazer – ou ele cessa – o texto muda de natureza. (Paul Zumthor, 2007. p.35)

Como citado anteriormente, no primeiro momento de execução da proposta os alunos não demonstraram empolgação, talvez pelo fato de ser algo diferente do que eles estavam habituados a desenvolver na escola. Adotamos os textos encontrados na coletânea das Olimpíadas de Língua Portuguesa, as quais são compostos pelos gêneros textuais: Crônicas, Artigo de Opinião, Memórias Literárias, o qual ficou definido que os alunos da turma de 9º ano A, leriam crônicas na radio e o 9º ano B, leriam memórias literárias. Como podemos observar na crônica produzida por uma aluna do 9º ano A.



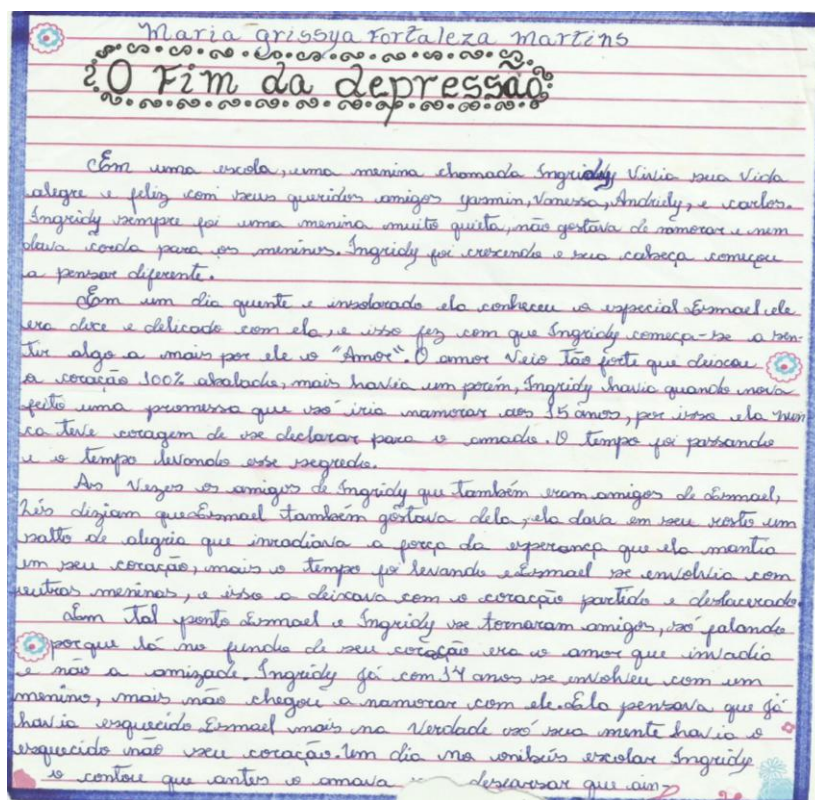


Fig. 21: Escrita de aluno. Arquivo pessoal. 2014

A partir do momento em que a professora de Língua Portuguesa trabalhou os conteúdos envolvendo os gêneros textuais da coletânea, os alunos deveriam produzir textos referentes ao gênero estudado.

Nos tava estudando com la com a professora lá de Português, aí quando começaram a dizer que nós ia ter que falar na rádio, tinha que falar na rádio eu falei assim “Oh meu deus do céu que coisa mais abusada quem vai quer escutar agente lendo na rádio” aí fiquei pensando, aí quando eu fui pra rádio pela primeira vez que eu li eu gostei muito, muito mesmo, por mim quantas vezes me mandasse ir de novo eu queria ir eu me sentir muito bem com a leitura que eu fiz. (Alcântara, 2016)

Para tanto, descreveremos sobre a leitura da aluna Gleiciane Alcântara, que realizou a leitura de Memórias Literárias “A saga da Nhecolândia”, de Roberto Oliveira Campos. No dia da escolha do texto que seria lido, ela foi uma das alunas que não aceitava o texto, alegando que é um texto grande. Mas conseguimos fazer com que ela levasse o livreto para casa e realizasse a leitura. No dia marcado sentamos com ela na sala de leitura e ela se mostrou confiante, segura e disse que estava preparada para ir fazer a gravação. Vejamos o que a aluna fala sobre isso (Alcântara, 2016).

Como costumávamos fazer ao chegar à rádio, o DJ primeiramente se direcionava a professora que estava acompanhando o(a) aluno(a) para que em seguida a professora apresentasse o aluno. A aluna que não demonstrava interesse em participar da proposta, assim como dos estudos no geral, ao se colocar com o

microfone na mão e ser abordada pelo *DJ* Carlos, saudou-a com uma boa tarde, ela além de retribuir, continuou mandando alô para todos os ouvintes, para as pessoas da sua rua assim como para sua família e sua avó. Sobre isso Alcântara, (2016) diz ainda:

O texto que eu li também foi muito bom falava de coisa interessante como a parte que eu li lá, falava da vida no campo das pessoas daquele tempo lá, as pescaria e tudo e como aqui é uma vila acho teve muitas gente que gostou muito dele por causa que ele principalmente falava da vinda no campo, coisa que mais aqui tem, roça fazenda, essas coisas. (Alcântara, 2016)

Como o texto escolhido para a leitura da aluna tratava de um tema que não é de difícil entendimento para ela, pois trata de uma realidade que é possível de contextualizar com a realidade local, o que fez com que a aluna além de ter lido demonstrou prazer ao realizar esta leitura, assim como seu entendimento sobre o texto. Alcântara, (2016) diz que:

O texto que eu li também foi muito bom falava de coisa interessante como a parte que eu li lá, falava da vida no campo das pessoas daquele tempo lá, as pescaria e tudo e como aqui é uma vila acho teve muitas gente que gostou muito dele por causa que ele principalmente falava da vinda no campo, coisa que mais aqui tem, roça fazenda, essas coisas.(Alcântara, 2016)

Sua leitura e a superação desta aluna com relação ao desinteresse em participar do projeto puderam ser observadas logo depois da sua participação, quando inesperadamente nos procurou para solicitar um novo texto, pois ela queria ler novamente, e infelizmente como mostrado acima existia um cronograma de leituras e o tempo não permitia incluirmos mais alunos.

Em outros dias, também quando os tempo passou que eu fiquei recebendo elogio do pessoal que chegava falava assim “escutei tu falando na radio tu falou bom eu gostei” então achei muito bom o projeto de vocês que vocês fizeram pra mim foi muito interessante, pros alunos num tem? Caçar alguma coisa pra ocupar a mente por causa que é importante agente ler de vez em quando. .(Alcântara, 2016).

Acreditamos que o incentivo da escola, dos professores e mais ainda da comunidade faz com que os alunos superem suas expectativas, limitações ou mesmo “dificuldades”, como podemos observar neste caso.

### **3.2.2 VOZES DOCENTES**

A escola vem enfrentando sérios problemas referentes à troca do quadro de professores tanto no início do ano letivo assim como durante, como foi em 2014, com as professoras de Língua Portuguesa, que foram substituídas três vezes durante o ano. Começamos a desenvolver o projeto com a Professora Nilva que contribuiu desde a

elaboração e início do projeto, que foi no período de Março a Abril. Por motivos profissionais a prof. Nilva teve que ser substituída e infelizmente, não tivemos o mesmo apoio com as professoras seguinte, não quero aqui dizer que não contribuíram, mas não demonstraram tanta empolgação com a proposta, como a Prof. Nilva demonstrou, tanto emocionalmente, como profissionalmente. Não podemos contar com essas professoras no quadro de funcionários da escola.

O diretor da escola não demonstrou muito interesse na realização do projeto, porem durante a realização contribuiu com logística dos aparelhos (rádios) que eram colocados na sala para audição da hora da leitura; as vezes percebíamos convidando os funcionários e alunos a prestar atenção na leitura; O que faz notarmos em seu relato os fundamentos do nosso trabalho, que era, desenvolver a oralidade, percebendo as limitações e trazendo isso para ser trabalhado em sala de aula. Observe o que Coelho (2016), relata:

No meu ponto de vista como gestor da escola, foi sim de grande valia, até por que fazer com que os alunos também eles pudessem estar trabalhando a questão do nervosismo, de trabalhar em publico, então assim um projeto que trabalhou várias questões dos aprendizados dos alunos, vários conhecimentos, pra esses alunos. Então isso ajudou bastante, agente percebia, que tinha alguns alunos nas suas falas lá no rádio, que eles tinham maior desenvoltura, que até deixou agente surpreso, alguns que agente achava que eram um pouco tímido, mais uma vez usando o microfone na rádio eles tinha assim uma desenvoltura que as vezes agente não tinha percebido isto no dia a dia, algumas habilidades que eles tinham no uso do microfone, na fala mesmo, com uma voz bastante firme, então foi interessante isto, enquanto outros alunos que agente via que era mais desinibidos, eles terminavam não tão firme e eram questões que depois o professor em sala de aula, trabalhava isso com ele. (COELHO, 2016).

Uma das professoras que trabalhou na execução do projeto, Elda Bentes, compartilha da mesma concepção de que foi se fazia necessário na escola, projetos que incentivasse a leitura e a escrita, pois a ideia de montar um jornal mural era dela, assim como o de leituras na rádio era minha. Sentamos para elaboração de uma única proposta e a partir daí a busca de parcerias e a execução, sobre Bentes (2016), relata:

Quase que a nossa empolgação não conseguiu contagiar realmente as pessoas interessadas neste processo, mais como eram quatro pessoas disponíveis que acreditava nesta questão, então não foi um obstáculo grande, por que este obstáculo agente conseguiu ultrapassar, não com tanta dificuldade. Começamos, montamos todo cronograma, e começamos a desenvolver o projeto, então percebemos que aquilo que mexeu com a rotina da escola é de alguma forma estava incomodando. Então são questões que até hoje agente não temo resposta pra isso, mas isso não foi o grandes problemas pra que a gente continuasse.

Compartilhamos ainda da ideia de que a empolgação de alguns alunos, os comentários dos ouvintes da rádio e demais pessoas da comunidade sobre a

programação e a nossa empolgação, fizeram com que conseguíssemos cumprir as etapas do projeto e ultrapassar os obstáculos.

### 3.2.2 VOZES DA COMUNIDADE

Durante elaboração da proposta estava previsto para realizar a culminância na praça da vila, por acreditar que assim como a comunidade estava acompanhando as leituras através das ondas do rádio, não seria diferente da socialização dos resultados. Além disso estaríamos atingindo um público maior em um local considerado “diferente” para muitos dos pais que dificilmente comparecem à escola. Durante o planejamento da ideia à direção da escola achou que não poderíamos fazer na praça, pois ia exigir uma demanda de pessoas para a organização, assim como logística, então propusemos que a culminância fosse realizada na rua, pois, pretendíamos fazer diferente do que vem sendo feito em outros projetos. Seria uma tentativa de sair literalmente dos muros da escola.

Depois de muito insistir, acabamos nos chateando com a resistência da direção, que autorizou, mas com toda organização e responsabilidade do que poderia acontecer por nossa conta.

Para que acontecesse como planejado, convidamos pessoas da comunidade que tocam e cantam, como o Senhor Edivaldo Lima, a auxiliar de secretaria Delis Albuquerque, dentre outros. Pudemos contar com a ajuda do *DJ* Carlos, no que se refere à sonorização. Pedimos mesas e cadeiras ao proprietário do depósito de bebidas; convidamos os funcionários das demais escolas da vila, assim como a comunidade pelas ondas do rádio.



**Fig. 22: A rádio na escola**  
Arquivo Pessoal, 2014

Podemos demonstrar nas fotos, o que foi a culminância, tanto nas apresentações dos alunos sobre os textos que leram na rádio, quanto a participação da comunidade escolar e local.

O fato de escolher a rua foi com o intuito de levar a escola à comunidade e vice e versa, por termos observado que devíamos fazer “diferente” dos outros projetos que a escola culmina e sempre convida a comunidade, os quais comparecem em um número pequeno. Vale ressaltar que a ideia principal do projeto, além de entrelaçar os saberes da escola com a rádio, é levar a escola para as casas através do rádio, da rua, da voz seja dos alunos, de uma conversa de vizinho que ouviu a programação. Um papel de diminuição de fronteiras, chamando atenção destas pessoas que passam na rua para apreciarem um trabalho feito pela escola, mas principalmente pelos seus filhos.

Nota-se a influência que a rádio comunitária tem quando envolve os problemas sociais enfrentados pela população, com as comunidades vizinhas, fazendo com que fiquem inteirados dos fatos que ocorrem na vila. Desta forma, entendemos que o desenvolvimento do projeto de leitura na rádio também pôde influenciar na vida da ouvinte Edileusa, que mora na localidade Rancho Rico, à 18 Km, da vila.

Sobre a leitura eu aprendi muitas coisas né? E através deles eu fiquei muito assim, eu me inspirei muito né? Faz muito tempo que eu num estudava vinte e três anos que eu num estudava e através deles, eu fiquei muito empolgada e voltei de novo a estudar e hoje eu to aqui na escola já tem dois anos, esse ano eu vou terminar o fundamental graças a Deus e to querendo entrar o ensino médio.[...] Eu gostaria até que se fosse possível continuar, quem sabe eu estarei lá, lendo e junto falando nesse projeto, achei muito gratificante, muito bom. (Evangelista, 2016)

A partir do momento que a escola desenvolve um projeto com objetivos específicos e você se depara com relatos de sujeitos que estão á quilômetros de distância que absorveram de outra forma, tirando proveito disso para sua vida, e mais ainda querendo fazer parte do processo, devemos sentir que nossos objetivos foram alcançados.

## ENTRELACE? ATÉ QUE PONTO?

Considerando o percurso dessa experiência, convém salientar que foi desafiadora, primeiramente, por integrar a comunidade, ser educadora da escola problematizada; ouvinte da rádio comunitária e procurar, nem sempre com sucesso, realizar experiências interdisciplinares e com muita dificuldade, “desnaturalizar” os olhares redutores para esses espaços, fazendo-os dialogantes no incentivo da leitura e da escrita, possibilitando a exposição de ideias, opiniões, valorizando a oralidade dos mesmos alunos e ainda de utilização da rádio comunitária para desenvolver essas habilidades.

Ao levar a escola à comunidade e vice e versa, através da Rádio comunitária desejando ser escola, demonstrou-se o que Calderoni ([s.d], p.1) reflete: “esta atividade objetiva, por meio do uso da rádio escola ampliar os conhecimentos dos alunos, tendo-o como um instrumento de apoio pedagógico e dinamizador da cultura na comunidade escolar”. O fato de ter a rádio comunitária como um instrumento de apoio pedagógico, tanto durante as leituras feitas pelos alunos, como das observações feitas por eles e do que o ouvinte entenderia, proporciona uma comunicação que gera conhecimento e desafia a escola a estar sempre buscando esse ambiente dinâmico e ativo.

Perceber a euforia de alguns alunos quando chegava a hora da leitura, estando ou não por trás dos microfones, e ao mesmo tempo a timidez quando os colegas estavam ouvindo, deixa uma imagem fortemente guardada em minha memória: eles se sentiam importantes e valorizados protagonizando a experiência pedagógica.

Receber a recepção entusiasmada de alguns ouvintes sobre a programação da rádio atrelada à escola não seria algo incomum, pelo fato de alguns serem pais dos alunos, mas ouvir dos ouvintes o fato de que os jovens ficaram mais entusiasmados e incentivados a novas leituras nos faz acreditar que a comunidade possui interesses comuns aos da escola, uma religação de saberes ou pelo menos uma experiência querendo ser interdisciplinar.

As posições do *DJ* Carlos sobre esse experimento é, em diversos momentos, de decepção, não pela forma ou pelas consequências do projeto, mas sim pelos motivos de sua paralisação. Era uma proposta que estava sendo germinada. As pessoas envolvidas pareciam sintonizadas, a medida do possível. Os conhecimentos por algum

tempo “fugiram” da escola; existiam outros mestres; o *DJ* se sentia um multiplicador de ideias, porém minha saída da escola, durante o desenvolvimento para trabalhar na escola Jean Piaget<sup>8</sup> (1º segmento), apesar de existir outros parceiros dentro da escola, também me deixou decepcionada, pois acredito que a escola devia ter demonstrado intenção de dar continuidade, haja vista, que como citado anteriormente é um trabalho onde se constituiu parcerias, que não impossibilitava sua continuação.

Na minha memória ecoam vozes distintas sobre o projeto: “desperdício de trabalho”; “benefícios apenas à rádio e seus ouvintes”; “os jovens esperavam a programação ansiosamente”; “A escola parava na hora das leituras dos jovens no rádio; “Seria perigosos culminar o projeto na rua”; “*DJ* Carlos não conseguia falar de frente para o público”; “A experiência escola, rua e rádio foi incomum. Um turbilhão de lembranças e de esquecimentos, às vezes propositais.

Estar nos entremeios desses espaços deixou muitas marcas, aprendizados e vozes que poderão servir de reforço para os próximos projetos e parcerias, como por exemplo, a forma como eu lidava com o público, (alunos e a comunidade local). Através das ondas do rádio, me fizeram sentir a necessidade de ouvir mais as pessoas sejam elas, pais, alunos, professores, o *DJ*, os ouvintes da rádio da comunidade e até mesmo a gestão da escola, por ter compreendido que quando procuramos ouvir o outro, independente de que sujeitos, estamos aprendendo sem segregar o conhecimento.

Ter como parceiro um sujeito considerado “letrado” num projeto que incentiva a leitura e a escrita é um pouco contraditório, porque mesmo com suas “limitações” referentes no convívio com as culturas letradas, ele insiste em ainda fazer parte deste projeto, com intenções de também incentivar os alunos à leitura. Diante disso, considero que fiz pouco por este parceiro, haja vista que o mesmo precisa de muita ajuda para desempenhar seu trabalho na rádio e até mesmo na comunidade, fora o fato de que na imersão nas culturas letradas seus desafios ainda serão imensos.

Uma realidade que vem se alastrando na escola Maria das Neves e Silva é a falta ou a permanência de professores principalmente de Língua Portuguesa com nível superior. Quando contratados, passam seis meses e não voltam e mesmo os concursados, depois de cumprir algum período na escola, pedem remoção para outros lugares, havendo a necessidade de substituição, o que interferiu para o “insucesso” de

---

<sup>8</sup> Localizada em Vila Santa Fé, município de Marabá-PA

algumas etapas da proposta, pois no decorrer do desenvolvimento houve a substituição deste profissional por três vezes, fato agravado por cada um trabalhar metodologias distintas.

Durante as metodologias adotadas, pude perceber que havia a necessidade de fazer diferente, como por exemplo: quando os alunos saiam para fazer as leituras, eu penso que a professora de língua portuguesa deveria acompanhá-lo, incentivá-lo, mas isso não ocorria, assim com, nos momentos da hora da leitura, todos os professores deveriam estar presentes no contexto.

Trabalhamos esta proposta desejando por uma escola do campo pautada no ideal freiriano de um cidadão solidário, crítico, ético, participativo e responsável. Escola estimuladora de uma relação dialógica e, ao mesmo tempo, que procura despertar o interesse da comunidade em participar das atividades pedagógicas, o que me faz questionar como o aluno poderá adquirir todas essas competências se, ao propor uma prática de sala de aula que pudesse desenvolver a criticidade dos alunos, recebemos como respostas frases como: uma “pessoa” que nem se expressa bem não poderá contribuir com o aprendizado destes alunos.

Ouso utilizar perguntas que o próprio Freire (1970, p. 80) faria, caso se deparasse com esse fato. Como posso dialogar, se me sinto participante de um gueto de homens puros donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são “essa gente” ou são nativos “inferiores”? Construir ou estar nos entremeios de um entrelace novamente será considerado um novo desafio, assim como tem sido, pois todos nós temos que superar primeiramente nossas limitações, quebrar paradigmas e acatar ideias, a consciência e transformação do meio deve acontecer em sociedade. E volto a perguntar. Mas como poderá o homem sair da opressão se os que nos “ensinam” são também aqueles que nos oprimem?

Partindo desta experiência, pressuponho que estarei sempre procurando desenvolver diferentes metodologias, com novos olhares, pois acredito numa educação que busca sanar as dificuldades encontradas nas salas de aula, concordando com o que diz Freire (1970, p. 81), uma relação dialógica onde temos que estar sempre criando e recriando, de ter fê na vocação de “ser mais”, o que não é privilégio de alguns, mas direito dos homens:



## REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin (Org.). **Margens da Cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas.** São Paulo: Boitempo, 2004.

ACERVO DA ESCOLA. **Pátio da escola na Avenida Principal em 1986.** 2013.

ACERVO DA ESCOLA. **Projetos do primeiro semestre.** 2014.

ACERVO DA ESCOLA. **Organização dos grupos de trabalho do Programa PDE Interativo.** 2014.

ACERVO DA ESCOLA. **Primeira escola.** [s.d].

ALCÂNTARA, Gleiciane. Entrevista concedida à Tânia Regina dos Santos Lopes em 16 de Fevereiro de 2016.

BAGNO, Marcos: **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** São Paulo, Ed.Loyola, 48ª e 49ª Ed.1999.

CALDERONI, Valéria A. M. O; NASCIMENTO, Adir C. **Rádio escola possibilidade de (trans) formação do sujeito etnico –relato de experiência.** Disponível em:<[http://www.neppi.org/anais/Tecnologias%20e%20comunica%E7%E3o/R%C1DIO%20ESCOLA%20POSSIBILIDADE%20DE%20\\_\(TRANS\\_\)%20FORMA%C7%C3O%20DO%20SUJEITO%20ETNICO%20RELATO%20DE%20EXPERI%CANCIA.pdf](http://www.neppi.org/anais/Tecnologias%20e%20comunica%E7%E3o/R%C1DIO%20ESCOLA%20POSSIBILIDADE%20DE%20_(TRANS_)%20FORMA%C7%C3O%20DO%20SUJEITO%20ETNICO%20RELATO%20DE%20EXPERI%CANCIA.pdf)>.Acesso em: 18 Mar. 2016.p.01-12.

COELHO, Aldemir Costa, Entrevista concedida à Tânia Regina dos Santos Lopes em 10 de janeiro de 2016.

Dicionário da Educação do Campo. Organizado por Roseli Salette Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

ESCOLA PROFESSORA MARIA DAS NEVES E SILVA. **Projeto Político Pedagógico. Marabá.** [s.d]

EVANGELISTA, Edileusa da Silva. Entrevista concedida à Tânia Regina dos Santos Lopes em 10 de janeiro de 2016.

FAZENDA, Ivani (org.). **O Que é interdisciplinaridade?** In: YARED, Ivone. O que é interdisciplinaridade. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido,** 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GONÇALVES, Elizabeth Moraes; e AZEVEDO, Adriana Barroso. **O rádio na escola como instrumento de cidadania: uma análise do discurso da criança envolvida no processo.** Revista acadêmica do Grupo Comunicacional de São Bernardo. São Bernardo, n. 2, 12 p.2004.

GONÇALVES, Lindoval. **Alguns dos fundadores da escola**. 1986  
GUIMARÃES, Ana Lúcia **Pesquisa Social: Contribuições Antropológicas para Pesquisadores Acadêmicos**. Ciência Atual. Rio de Janeiro Volume 1, Nº 1. 2013.

LOPES, Tânia Regina dos Santos. **A voz no rádio**. 2104.

LOPES, Tânia Regina dos Santos. **Personagens de uma história**. 2014.

LOPES, Tânia Regina dos Santos. **Buscando entender**.2014.

LOPES, Tânia Regina dos Santos. **Entrevistando o DJ**. 2014

LOPES, Tânia Regina dos Santos. **O rádio na escola**. 2014.

LOPES, Tânia Regina dos Santos. **Digitação das informações**. 2014.

LOPES, Tânia Regina dos Santos. **Culminando o projeto**. 2014.

LOPES, Tânia Regina dos Santos. **Escrita de alunos**. 2014.

LOPES, Tânia Regina dos Santos. **Cartografia da Comunidade**. 2015.

LOPES, Tânia Regina dos Santos. **Almejando Parcerias**. 2014.

MAIA, Regina Marta. **Rádio Camponesa: a reforma agrária do ar**. Universidade Metodista de Piracicaba. São Paulo, [s.d].

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. Tradução: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho – 2º ed – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MUNIZ, Rodrigo. **Demonstrativo dos Assentamentos na Região de Vila Santa Fé**. 2016.

PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais): **Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**: Língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. p. 67, Brasília: MEC/SEF, 1998.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando Aprender um Pouquinho**: Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Projeto História, São Paulo: 1997.

REIJNTJES, COEN ET. AL. **Agricultura para o futuro**: Uma introdução à agricultura sustentável e de baixo uso de insumos externos. Rio de Janeiro: AS-PTA. 1994. 324p.

SECRETARIA DA ESCOLA MARIA DAS NEVES E SILVA. **Atoleiros na estrada do Rio Preto na década de 80**. [s.d].

\_\_\_\_\_. **Forma de transporte utilizada nos anos 80**. [s.d].

SILVA, Antonio Carlos Teixeira da. Entrevista concedida à Tânia Regina dos Santos Lopes em 23 de outubro de 2014/2016.

SOUSA, Ivanilde, Entrevista concedida à Tânia Regina dos Santos Lopes em 23 outubro de 2011.

SOUZA, Elda Bentes, Entrevista concedida à Tânia Regina dos Santos Lopes em 18 de abril de 2012/2016.

SPINDOLA, Ana Garcia. Entrevista concedida à Tânia Regina dos Santos Lopes em 15 de novembro de 2011.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenech. 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.